

FELICIDADE E SOFRIMENTO: APROXIMAÇÕES ENTRE FREUD E SCHOPENHAUER

HAPPINESS AND SUFFERING: APPROACHES BETWEEN FREUD AND SCHOPENHAUER

Adriano Costa Prado*
Arthur Parreira Gomes**

RESUMO

O artigo pretende estabelecer aproximações entre o texto “O mal-estar na civilização”, de Sigmund Freud, e a obra “O mundo como vontade e representação”, de Arthur Schopenhauer, visando refletir sobre as expressões e manifestações da felicidade e do sofrimento humano, bem como as contribuições da filosofia schopenhaueriana para a teoria psicanalítica freudiana.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Psicanálise; Sofrimento; Felicidade; Civilização

ABSTRACT

The paper intends to establish approximations between the text "Civilization and its discontents", by Sigmund Freud, and the work "The world as will and representation", by Arthur Schopenhauer, aiming to reflect about the expressions and manifestations of happiness and human suffering, as well as the contributions of Schopenhauer's philosophy to freudian psychoanalytic theory.

KEYWORD: Philosophy; Psychoanalysis; Suffering; Happiness; Civilization

* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas e Professor de Filosofia da PUC Minas. E-mail: pradoadriano@hotmail.com

** Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas e Professor da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. E-mail: arthurgomes@uol.com.br

Este estudo tem o objetivo de identificar as expressões e manifestações da felicidade e do sofrimento humano, a partir das consonâncias e dissonâncias entre “O mal-estar na civilização”, de Sigmund Freud, e “O mundo como vontade e representação”, de Arthur Schopenhauer. Inicialmente, será destacada a contribuição da filosofia schopenhaueriana para a psicanálise freudiana. Na sequência, serão cotejadas e comentadas as reflexões de Freud e Schopenhauer sobre a felicidade e o sofrimento humano, conforme a concepção de realidade dos autores, sendo esta, respectivamente, a *civilização* e o *mundo como vontade e representação*.

Em seu texto “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, de 1917, Freud torna mais evidente a aproximação de sua teoria com a filosofia. Nesse texto, o autor apresenta os três severos golpes que o narcisismo universal dos homens sofreu, até aquele momento. O primeiro desses golpes, o cosmológico, resultou da teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico, no século XVI, uma teoria astronômica, mas com importantes desdobramentos filosóficos, uma vez que o homem deixou de ocupar o centro do universo. O segundo golpe, o biológico, surgiu da tese darwiniana de que o homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles. A terceira e última ferida narcísica, a psicológica, foi uma consequência da descoberta do inconsciente, pois se comprovou que as ações humanas são dirigidas por forças psíquicas que o próprio ser humano desconhece, isto é, “o ego não é o senhor da sua própria casa”. (FREUD, 1996, p.153) Ao final dos comentários sobre essa terceira ferida narcísica, Freud apresenta uma conclusão surpreendente:

Provavelmente muito poucas pessoas podem ter compreendido o significado, para a ciência e para a vida, do reconhecimento dos processos mentais inconscientes. Não foi, no entanto, a psicanálise, apressemo-nos a acrescentar, que deu esse primeiro passo. Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores – acima de todos, o grande pensador Schopenhauer, cuja ‘Vontade’ inconsciente equivale aos instintos mentais da psicanálise. Foi esse mesmo pensador, ademais, que em palavras de inesquecível impacto, advertiu a humanidade quanto à importância, ainda tão subestimada pela espécie humana, da sua ânsia sexual. (FREUD, 1996, p.153)

Deixando à parte as discussões metafísicas e epistemológicas que as considerações ora apresentadas suscitam, é importante assinalar que o próprio autor reconhece as contribuições da filosofia para a psicanálise, particularmente quando atribuiu ao filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860) o mérito de antecipar importantes esclarecimentos sobre

os processos mentais inconscientes, tema central da teoria psicanalítica. No entanto, são as reflexões de Schopenhauer sobre o sofrimento e a felicidade que mais aproximam o pensamento do filósofo da teoria psicanalítica freudiana.

Em “O mundo como vontade e representação”, Schopenhauer afirma que o *puro querer* é a essência de todos os animais. Mas é na espécie humana que se expressam com maior evidência as duas faces dessa essência: a *necessidade* e o *aborrecimento*. Em ambas as faces, o sofrimento está presente, pois o homem sofre tanto pela falta do objeto da vontade, isto é, pela necessidade, quanto pela satisfação do seu desejo, cujo resultado é o aborrecimento, o tédio. A vida do ser humano constitui-se, portanto, de uma permanente alternância dessas duas faces do querer. E, no final, a vida reserva a todos o encontro com o inevitável e irremediável naufrágio: a morte.

De acordo com o pensamento schopenhaueriano, “quando o desejo e a satisfação se seguem em intervalos que não são nem demasiado longos nem demasiado curtos, o sofrimento, resultado comum de um e de outro, desce ao mínimo” e, conseqüentemente, a vida se torna feliz, para o homem que está reduzido ao simples querer. Já para o puro sujeito que conhece, geralmente identificado com o gênio ou o homem de inteligência superior, a felicidade está na contemplação, na fruição da beleza artística ou das maravilhas da natureza. Ainda que raros e pouco acessíveis à maioria dos homens, esses são os momentos mais belos da vida. (SCHOPENHAUER, 2004, p.329)

Em “O mal-estar na civilização”, encontram-se importantes considerações a respeito da busca do ser humano pela felicidade e das fontes do sofrimento humano. Tais considerações parecem confirmar e ampliar o pensamento de Schopenhauer sobre a essência do ser humano. Ao refletir sobre a função da religião, da ciência e da arte, Freud afirma que a felicidade é o propósito da vida. No entanto, a busca da felicidade pode tomar dois caminhos distintos. Um deles consiste em se evitar a dor e o desprazer. O outro prioriza a vivência de fortes prazeres, sendo esse o caminho da verdadeira felicidade. O princípio do prazer estabelece, portanto, a finalidade da vida. Mas tudo conspira contra a realização desse programa, conforme as seguintes palavras de Freud:

Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição. (FREUD, 2011, p.20)

Observa-se que a “situação desejada” e o “morno bem-estar” – expressões do trecho supracitado –, coincidem com as duas faces da essência humana apresentadas por Schopenhauer, isto é, a *necessidade* e o *aborrecimento*.

Outra aproximação entre filosofia e psicanálise está presente na constatação de Freud de que as experiências infelizes ocorrem com mais facilidade e frequência na vida do ser humano. Ele cita as três principais fontes de dor e sofrimento: o corpo, a natureza e as relações com os outros seres humanos, sendo esta última a mais poderosa fonte de sofrimento. Diante de tais obstáculos, o princípio do prazer reduz suas expectativas e converte-se ao princípio da realidade, que impõe uma série de limites ao projeto da vida feliz.

Voltando à análise da teoria schopenhaueriana, nota-se que o filósofo defende a tese de que a felicidade é algo raro e que o sofrimento confunde-se com a essência da vida. O sofrer está presente tanto na inteligência superior quanto na mediocridade do homem vulgar, como consequência da privação, da necessidade e da preocupação com a manutenção da vida. É importante destacar aqui uma importante hipótese de Schopenhauer, apresentada em “O mundo como vontade e representação”, segundo a qual cada indivíduo, a partir da sua essência, possuiu uma *medida* que determina a quantidade de males e de bens que lhe estavam reservados. Tal medida é uma disposição inata que revela o temperamento do indivíduo, isto é, o grau de humor triste ou alegre próprio de cada um.

Observa-se que a referida hipótese de Schopenhauer aproxima-se da teoria das pulsões de Freud e amplia as reflexões sobre a felicidade e o sofrimento humano. Essa medida que determina a quantidade de males e de bens, identificada pelo filósofo na essência do ser humano, pode ser considerada como uma representação ou um produto dos desdobramentos do confronto entre o princípio do prazer e o princípio de realidade, os quais ordenam a pulsão de vida. A partir de sua hipótese, Schopenhauer concluiu que não é um poder exterior que determina a quantidade de bens e males da vida, mas sim causas íntimas. Já nos termos freudianos, é a satisfação pulsional e a sua contenção que determinarão a quantidade de bens e males da vida.

Antes de aprofundar os comentários de Freud sobre a teoria das pulsões, é importante destacar as considerações de Schopenhauer sobre a afirmação e a negação da

vida (da vontade), pois tais considerações também se aproximam da referida teoria freudiana. O filósofo cita exemplos que ilustram a busca de satisfação de prazeres e o apego à vida, ao lado de expressões do abandono da vontade de viver. Schopenhauer considera que a manifestação mais forte da vontade de viver está presente na atração dos sexos. Já a negação da vida está presente nos sacrifícios, na abnegação e na mortificação dos desejos. Freud, por sua vez, aponta para os limites entre natureza e cultura, ao considerar que o ser humano, diferentemente dos outros animais, recebeu um novo acréscimo de libido que provocou um surto renovado de atividade por parte do instinto destrutivo. Na espécie humana, observa-se, portanto, o confronto entre forças construtivas, que expressam a *pulsão de vida*, e forças de agressividade, que podem ser consideradas como a expressão da *pulsão de morte*. A partir dessa constatação, Freud tenta identificar os meios utilizados pela civilização para a inibição da agressividade, formulando assim o conceito de *superego*. É importante ressaltar que, ao inibir a agressividade, o superego torna-se também uma poderosa fonte de sofrimento, pois sua tensão com o ego produz o que Freud denomina como sentimento de culpa. Não se trata aqui de aprofundar o estudo de tais conceitos psicanalíticos, mas apontar a consonância entre a teoria freudiana das pulsões e a tese schopenhaueriana sobre a afirmação e a negação da vida (da vontade), e como essas teorias identificam as características e expressões de um modo de vida feliz, bem como as causas ou encarnações do sofrimento humano.

Abordando a felicidade e o sofrimento sob outro ângulo deste estudo filosófico-psicanalítico, observa-se que, segundo Schopenhauer, a realidade é insuficiente para preencher a vida de preocupações. Por isso, a humanidade cria, por meio da religião, um mundo imaginário repleto de imposições, regras, rituais, castigos e recompensas que abreviam o tempo e ajudam a preencher a existência. Nesse mundo, as relações que o homem estabelece com deuses, santos, anjos e demônios superam, muitas vezes, as preocupações da vida real. Essas observações de Schopenhauer aproximam-se das críticas à religião encontradas em “O mal-estar na civilização”. No referido texto, Freud não ignora a importância da religião para o projeto da vida feliz, mas a considera como um delírio coletivo. A ilusão e a infantilidade da religião, segundo Freud, estão presentes na tentativa de indicar a pessoas tão diferentes o mesmo caminho para o alívio do sofrimento e para a

conquista da felicidade. Pela crença e pela submissão, o sofrimento torna-se para o crente sua única fonte de prazer.

Aprofundando suas considerações sobre o sofrimento humano, Schopenhauer cita Hamlet e afirma que a escolha pelo “não-ser” é extremamente tentadora num mundo repleto de dores e aflições. O filósofo cita também o “Inferno” de Dante e conclui que o mundo real serviu de inspiração para a criação dos cenários e tormentos da referida ficção. A doutrina cristã, segundo Schopenhauer, também é pessimista em relação à vida terrena, por considerar o mundo como a morada do mal. A teoria freudiana, por sua vez, apresenta argumentos consistentes sobre a constituição e manutenção da vida civilizada que permitem ampliar as reflexões sobre a presença do mal no mundo. Freud identifica outras causas do sofrimento na ambiguidade do processo civilizatório: ao mesmo tempo em que a civilização cria meios para nos proteger das fontes de sofrimento, ela também produz sofrimento e reforça a condição miserável do ser humano. Essa ambiguidade gera, no próprio seio da sociedade, um sentimento de hostilidade contra a civilização. Tal sentimento aparece, por exemplo, no discurso da doutrina cristã de depreciação da vida terrena – fato já notado por Schopenhauer. O expansionismo marítimo, que permitiu o contato do europeu com outros costumes, foi outro episódio histórico que reforçou o sentimento de hostilidade contra a civilização, pois, desse contato, surgiu a crença equivocada de que a vida simples dos “selvagens” era mais feliz. Segundo Freud, o conhecimento dos mecanismos da neurose também contribuiu para a compreensão dessa ambiguidade do processo civilizatório. Tal ambiguidade impõe ao homem o seguinte dilema: “ser ou não-ser” civilizado. O sentimento de hostilidade contra a civilização pode ser interpretado como a emergência do “não-ser” civilizado. Schopenhauer afirma também que os elementos do “Inferno” de Dante foram tirados do mundo real. Freud, conforme já exposto, diz que os sofrimentos são produzidos pelas restrições da vida civilizada, e um dos efeitos colaterais desse fenômeno é a produção das neuroses, pois o homem se torna neurótico por não suportar os sofrimentos decorrentes do processo civilizatório.

Schopenhauer define o *Egoísmo* como a expressão da contradição interior da vontade de viver, e como princípio de toda guerra. Esse estado de alma, quase indestrutível, justifica a afirmativa de Hobbes de que “o homem é o lobo do próprio homem”. Toda guerra, toda injustiça, todo desprezo pela lei e pela ordem têm como fundamento o

egoísmo, essa expressão violenta da vontade de viver que, segundo Schopenhauer, torna-se a principal fonte do sofrimento humano. Ao concluir a sua obra “O mundo como vontade e representação”, o filósofo aponta dois caminhos para a mortificação da vontade e, conseqüentemente, para a supressão do egoísmo: o ascetismo e o sofrimento geral da vida. Tais caminhos podem conduzir à resignação, à purificação, à negação do querer-viver e à libertação do ser humano de sua condição miserável - não se trata de uma afirmação do filósofo, mas a purificação e a libertação podem ser consideradas caminhos ou formas de felicidade. Tais considerações de Schopenhauer encontram ressonância no pensamento freudiano. Freud afirma que o ser humano não é uma criatura branda e amorosa por natureza, tendo em vista sua propensão à agressividade. O ser humano é capaz de humilhar, roubar, torturar e matar o próximo, quando não o trata como simples objeto sexual ou possível colaborador. Na ausência das forças psíquicas que inibem a agressividade, o homem torna-se uma besta selvagem. Por isso, não há como duvidar que “o homem é o lobo do homem”. Dentre os vários episódios da história que justificam a premissa hobbesiana, Freud lembra os horrores da primeira Guerra Mundial. Essa hostilidade primária constitui a grande ameaça de desintegração da sociedade – observação que corresponde às críticas de Schopenhauer ao egoísmo. A civilização deve criar, portanto, métodos e estratégias para a inibição da agressividade, seja por meio da propagação de seu maior ideal – “amar o próximo como a si mesmo” –, seja conferindo a si mesma o direito de praticar a violência por meio da punição contra aqueles que não cumprem suas leis. Mas a lei, segundo Freud, “não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana”. (FREUD, 2011, p.58) O autor destaca que a luta e a disputa fazem parte da atividade humana, e que a vida civilizada admite determinadas expressões desses modos de relação.

Assim como o pensamento schopenhaueriano, a teoria freudiana também considera que o sofrimento pode conduzir à libertação do sujeito. Contudo, a fala é o caminho para essa libertação, não o sofrimento. A psicanálise não conduz à negação do querer-viver ou à mortificação da vontade, como o fazem os caminhos libertadores citados por Schopenhauer. Ao contrário, ela aposta no desejo e na construção da vida civilizada, a despeito de todas as forças contrárias que emergem dentro e fora do sujeito. Mas não há garantias para a emergência do desejo nem para o projeto da vida feliz, e isso está expresso

nas conclusões de Freud, em “O mal-estar na civilização”. No referido texto, o autor destaca a luta de Eros contra o instinto de morte. O primeiro quer unir os indivíduos; o segundo instaura a guerra de um contra todos e de todos contra um. Em termos schopenhauerianos, essa luta expressa o “divórcio da vontade de viver com ela mesma”. O programa cultural se desenvolve, portanto, sob o confronto de forças poderosas, que se fundem e se opõem ao mesmo tempo.

Observa-se, portanto, que a psicanálise aposta no poder do desejo para reafirmar a vida e amenizar o sofrimento humano, enquanto o pensamento schopenhaueriano defende a negação do querer-viver (do desejo) como meio de aniquilamento das dores e aflições da vida. O filósofo declara que o ascetismo purifica a alma das excitações do querer e a conduz à libertação. Apesar dessa dissonância entre os autores, Freud não ignora que o isolamento voluntário é uma das estratégias utilizadas pelos seres humanos na busca da felicidade. Mas, em “O mal-estar na civilização”, Freud afirma que são vários os caminhos da vida feliz, mas por nenhum deles alcançaremos tudo o que desejamos. É irrealizável um programa de vida baseado somente no princípio do prazer. Dentre tantos caminhos, cada pessoa deverá encontrar sua maneira particular de ser feliz, considerando o grau de expectativas e o investimento libidinal.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

REALE, G. e ANTISERI. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1990, v. 3.

ROUDINESCO, E. e PLON. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.